Lição 7: Por que o movimento circular do céu ocorre em uma direção e não em outra

361. Depois de determinar as partes do céu e sua forma, o Filósofo aqui decide a questão de seu movimento. Primeiro, ele discute o modo de seu movimento;

Em segundo lugar, a uniformidade de seu movimento (L. 8). A respeito do primeiro, ele faz três coisas: Primeiro, ele levanta a questão; Em segundo lugar, ele mostra a dificuldade da questão, em 364;

Em terceiro lugar, ele propõe uma solução, em 365. Sobre o primeiro, ele faz três coisas: Primeiro, ele menciona certas coisas que dão origem à questão. Uma delas é que há duas maneiras pelas quais algo poderia ser movido através de um círculo. Pois, se considerarmos A como um ponto em um círculo, traçarmos um diâmetro a partir de A, e B como um ponto no semicírculo superior e G como um ponto no semicírculo inferior, haverá então duas maneiras possíveis para algo se mover sobre este círculo: de uma maneira, algo poderia ir de A para B; de outra, de A para G. Outra coisa que ele menciona é que esses dois movimentos não são contrários, pois foi mostrado no Livro I que dois movimentos circulares não são contrários. Pois, se fossem contrários, eles teriam que pertencer às naturezas de coisas móveis contrárias, de modo que um movimento seria atribuído a um móvel e o outro ao móvel contrário - porque, como foi dito, se um de dois contrários existe na natureza, o outro também deve existir. 362. Em segundo lugar, em [275] ele levanta a questão. Pois é evidente pelo que foi dito que, nas coisas que são eternas, nada acontece contingentemente ou fortuitamente, porque os acontecimentos devidos ao acaso não ocorrem sempre nem mesmo quase sempre. Mas foi dito acima que o céu é eterno, assim como seu movimento circular. Portanto, é razoável perguntar por que o céu é movido em uma direção e não na outra; por exemplo, do leste em direção ao hemisfério superior e não ao inferior. 363. Em terceiro lugar, em [276] ele mostra como tal causa deve ser atribuída. Pois, nas explicações anteriores, ele atribuiu uma causa para os eventos celestes de duas maneiras. Primeiro, ele mostrou que têm que haver vários movimentos no céu para que a geração e a corrupção sejam possíveis; em segundo lugar, ele mostrou que a figura do céu tem que ser redonda, assumindo um princípio anterior, a saber, que a primeira forma é apropriada ao primeiro corpo. Assim, a primazia do corpo é a razão pela qual ele tem a primeira forma. E portanto ele diz aqui que, se devemos atribuir a razão pela qual o céu é movido como é e não de alguma outra maneira, essa razão deve ser atribuída ou com base

no fato de que tal tipo de movimento é o princípio de algum efeito, ou melhor, que esse tipo de movimento depende de algum princípio anterior. Isso também pode ser entendido de outra maneira. Pois ele havia dito que as coisas eternas não podem ser devidas ao acaso. No entanto, nem todas as coisas eternas têm uma causa, pois há uma coisa eterna que não tem causa, mas é ela própria a primeira causa de outras coisas. Visto que, portanto, com base na eternidade do céu e de seu movimento, ele havia chegado à questão sobre a causa pela qual o movimento do céu ocorre em uma direção e não em outra, para que a questão não pareça tola ou inútil, ele acrescenta que é necessário que o modo de movimento do céu seja ou o primeiro princípio de todos os movimentos (o que é impossível, porque todo movimento tem uma causa motora) ou então deve-se dizer que há algum outro princípio de seu movimento. Consequentemente, é razoável perguntar por que o céu é movido nesta direção e não em alguma outra. 364. Então, em [277] ele mostra a dificuldade desta questão. E ele diz que o próprio desejo de expor atentamente coisas difíceis e ocultas e dar sua causa, e de investigar todos os aspectos, sem omitir nada, talvez seja visto como um sinal ou de uma estupidez profundamente enraizada, causando a incapacidade de distinguir entre o que é fácil e o que é difícil, ou então como um sinal de "grande prontidão", i.e., de grande presunção, causando o desconhecimento da medida de sua capacidade em relação à busca pela verdade. E embora alguns mereçam repreensão neste ponto, não é uma coisa justa condenar todos os investigadores indiscriminadamente. Pelo contrário, devemos primeiro considerar duas coisas.

Primeiro, devemos procurar o motivo que induz um homem a falar de tais coisas: Ele o faz por amor à verdade ou para ostentar sua sabedoria? Em segundo lugar, devemos considerar como alguém está ao assentir às coisas que afirma: Ele tem uma certeza fraca sobre elas como a maioria comum dos homens, ou ele as conhece mais firmemente, i.e., acima da média geral? Quando, portanto, uma pessoa pode alcançar um conhecimento de causas necessárias com maior certeza do que a maioria comum dos homens, aquele que encontra tais razões necessárias merece nosso agradecimento em vez de uma repreensão. 365. Então, em [278] ele resolve a questão que levantou. E ele diz que se deve render graças àqueles que descobrem coisas necessárias mais certas, quanto à presente questão é suficiente dizer como a questão nos parece, mesmo que não seja tão certa. Ele diz, portanto, que entre as coisas que vêm a ser produzidas, a natureza sempre faz o que é melhor, como movida e dirigida pelo primeiro princípio, que é a essência da bondade. Ora, observamos que um movimento local é mais nobre na medida em que tende a uma direção mais nobre - pois a espécie de um movimento é determinada por seu termo. Assim, com relação aos movimentos locais retilíneos, um movimento local em direção a um lugar mais alto é mais honroso e mais nobre do que um em direção a um lugar inferior, visto que o lugar que está acima é de maior valor do que aquele que está abaixo. Este fato também é evidente com relação ao homem: pois a cabeça, que está acima, é mais nobre do que os pés, que estão abaixo. Da mesma forma, a parte frontal de um homem é mais nobre do que a parte traseira, e a direita do que a esquerda, como dissemos acima, e como também é evidente com respeito aos animais. Portanto, a questão em discussão testemunha o fato de que no céu há um antes e um depois, i.e., uma frente e uma traseira, coisas que ele não mencionou anteriormente. Ora, é isto, a saber, a distinção entre frente e traseira no céu, que resolve a questão em pauta. Pois, se o movimento do céu é o melhor possível, como foi sustentado, então a causa na questão acima é esta: É melhor para o céu ser movido com um movimento "simples", i.e., sempre em direção à mesma direção e "sem qualquer interrupção", i.e., sem a interpolação do repouso (o que teria que ocorrer se o céu se movesse ora nesta direção e ora naquela); além disso, é melhor que ele seja movido em direção à parte mais nobre da direção, e a parte frontal é a mais nobre. E é por isso que o céu é movido do leste em

direção à sua "frente", i.e., em direção ao hemisfério superior e não ao inferior, que é a "traseira" do céu. 366. Mas este argumento não parece apropriado. Pois acima ele havia explicado a distinção dessas partes no céu a partir do início do movimento, a saber, do fato de que o movimento do céu parece começar a partir de uma direção e não de outra. Mas aqui ele atribui a razão pela qual o céu é movido da maneira que é e não de alguma outra maneira, a partir da distinção das partes do céu. Consequentemente, ele parece estar argumentando em círculo. A isto deve ser respondido que a distinção entre as partes do céu é a razão pela qual o movimento do céu começa de onde começa e não em outro lugar; e não o contrário. Mas o fato de que o movimento começa de onde começa e não em algum outro lugar é um sinal da distinção das partes do céu. Ora, a causa da distinção dessas partes é o poder da alma que move o céu, ou de alguma substância intelectual diferentemente aplicada às diferentes partes do céu. Não há nada de errado em, ao perguntar "Se algo é", provar com um sinal; mas quando se lida com a "razão pela qual algo é", o sinal deve ser reduzido à causa. Por exemplo, poderíamos provar que o coração é movido pelo movimento da veia pulsante; mas se perguntarmos qual é a causa do movimento da veia pulsante, será dito que é por causa do movimento do coração. Da mesma forma, Aristóteles, a partir do fato de que o movimento do céu começa em uma certa parte, provou, como que a partir de um sinal, que existe tal e tal distinção de partes no céu. No entanto, ele reduz o início do movimento à diferença nas partes do céu, como à causa. Ora, a frente e a traseira do céu são distinguidas, não naturalmente, a saber, em termos de alguma parte específica do corpo celeste (já que uma mesma parte do corpo celeste que agora está no hemisfério superior estará mais tarde no inferior), mas em termos de posição, assim como foi dito acima sobre a diferença entre os lados direito e esquerdo [do céu].

Revision #2
Created 29 September 2026 23:29:50 by Admin
Updated 2 October 2026 00:09:17 by Admin